

## LEVINAS: UMA PROPOSTA CRÍTICA AO PRIMADO DA FILOSOFIA OCIDENTAL

*Ubiratane de Moraes Rodrigues\**

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo apresentar a postura crítica de Emmanuel Levinas frente à tradição filosófica do Ocidente. No diálogo com a tradição, Levinas apresenta suas críticas à filosofia que elegeu o Ser como discurso, e sua crítica é à filosofia que nasceu e cresceu no Ocidente sob a forma de ontologia. Esta não é descartada, contudo Levinas argumenta sobre seu primado. Para ele a filosofia primeira não é a ontologia e sim a Ética. Para tanto, Levinas estabelece o diálogo também com filósofos contemporâneos como Husserl e Heidegger, pensadores fundamentais para Levinas. A crítica a ontologia não só permite pensar um outro caminho para a filosofia ocidental como também uma abertura para o surgimento de relações éticas onde o outro seja visto em sua alteridade radical.

**Palavras-chave:** Levinas. Ontologia. Ética como filosofia primeira.

### Introdução

A crise da filosofia é um amplo debate, tanto nas idéias como na sua efetivação. Mas não estamos alheios a esse problema. A partir do pensamento do filósofo lituano Emmanuel Levinas<sup>1</sup> abordaremos sua crítica à ontologia como filosofia primeira, assim como sua crítica a grande parte da filosofia ocidental, propondo uma outra origem à filosofia. A opção pelo pensamento do autor se configura pelo fato de a vida e a obra de Levinas estarem intrinsecamente ligadas, além da importante postura crítica frente à tradição filosófica do Ocidente. E aqui

---

<sup>1</sup> Para uma introdução ao pensamento de Levinas ver: SUSIN, L. C. **O homem messiânico: Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas.** Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: EST, 1984; COSTA, Márcio. **Lévinas – uma introdução.** Petrópolis: Vozes, 2000; MORO, Ulpiano Vázquez. **El discurso sobre Dios:** en la obra de E. Levinas. Madrid: UPCM, 1982. LESCOURRET, M. A. **Emmanuel Levinas.** Paris: Flammarion, 1994. BONAMIGO, Gilmar Francisco. **Primeira aproximação à obra de Emmanuel Levinas.** Síntese, v. 32, n. 102, p. 77-104, 2005. Para uma autobiografia ver: LEVINAS, Emmanuel. **Difficile liberté.** Essai sur le judaïsme (1963). Paris: Albin Michel. 3ª ed. revista e corrigida. Le livre de Poche, 1984. (p. 405-412).

faz necessário salientar a importância crucial da Segunda Guerra Mundial, onde a morte de mais de seis milhões de judeus assassinados pelo nacional-socialismo durante o holocausto provoca uma reviravolta não só no pensamento de Levinas como também no pensamento ocidental do século XX. Seu pensamento é marcado pelo século das guerras, ou sendo mais radical, século das barbáries. Em nada se vê uma ética que realmente seja uma ética do humano, o homem tem desejo de poder, mas desejo que se assemelha à necessidade, esta que nunca é saciada, por isso gera sempre mais guerra, mais dominação, mais dor e mais morte. Mas, como isso aconteceu? Como isso foi possível? Essas questões são fundamentais para entendermos o pensamento de Levinas, pois tais acontecimentos o fizeram desconfiar do pensamento que “civilizou” o Ocidente. Para ser mais exato, a moral que rege o pensamento ocidental. Para ele, tal pensamento funda-se a partir da Filosofia Grega, que se desenvolveu como discurso de dominação: o discurso do Ser. Discurso este quer seja em forma de ontologia ou de subjetividade significa a mesma postura, fechamento ao Outro e totalização da diversidade, fundando assim, um pensamento do Mesmo que exclui qualquer possibilidade de diálogo e abertura ao Outro em sua alteridade.

### **Ontologia e a filosofia do Mesmo**

No diálogo com a tradição, Levinas apresenta suas críticas à filosofia que elegeu o Ser como discurso, e sua crítica é à filosofia que nasceu e cresceu no Ocidente sob a forma de ontologia. Esta que pode ser dita como inaugurada com o filósofo grego Parmênides de Eléia (530-460 a.C), com sua tese central de que o “Ser é, o não-ser não é”. Aqui começa a história da ontologia, pois o Ser agora é fundamento primeiro, aquele que é Imutável, Imóvel, Uno. Nesse momento da história a ontologia começa sua grande marcha rumo à totalização de tudo o que lhe é diferente e exterior, na busca de tudo identificar à sua imagem e semelhança.

Esse movimento em que tudo se identifica com o Ser é o que Levinas chama de ontologia e que por ele é denominada de a teoria como inteligência dos seres<sup>2</sup>. Esse conceito é indispensável para entendermos por que Levinas não concebe uma ética do humano dentro do pensamento ocidental fundado na tradição que prioriza o primado da

---

<sup>2</sup> LEVINAS, E. **Totalidade e infinito**: ensaio sobre a exterioridade. Trad.: José P. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980. (p. 30). Doravante TI.

ontologia. Pois se tudo é identificação no Ser, não se pode pensar numa relação em que prevaleça a alteridade, visto que no fim a relação caminhará para o centro da totalidade, onde tudo é Uno. Daí nasce a crítica, posto que “a ontologia que reconduz o Outro ao Mesmo, promove a liberdade que é a identificação do Mesmo, que não se deixa alienar pelo Outro”<sup>3</sup>. Tal pensamento não permite uma abertura à exterioridade, e nem tampouco um pensamento ético em que a relação contemple o Outro em sua alteridade. Isso pode ser constatado pelo argumento socrático bem lembrado por Levinas: “[...] nada receber de Outrem a não ser o que já está em mim, como se, desde toda a eternidade, eu já possuísse o que vem de fora. Nada receber ou ser livre”<sup>4</sup>. Nesta perspectiva percebe-se que o ensinamento de Sócrates exclui o diferente, e que na relação só é aceito aquilo que se identifica com o Mesmo, como aquilo que já existe em si. Isto é uma das características fundamentais da filosofia ocidental, que com seus pressupostos totalizadores aponta para a existência unicamente dentro do Ser, na Totalidade, onde tudo o que estiver nela *É*, o que for exterior *não-É*.

Essas constatações rapidamente levaram Levinas a desconfiar da moral que conduz o Ocidente, pois como é possível uma moral, uma ética que permite a violência? Como tudo pode ser reduzido a uma unidade? E é o próprio Levinas que logo nas primeiras linhas de *Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade*, lança a assertiva: “facilmente se concordará que importa muitíssimo saber se não nos iludiremos com a moral”<sup>5</sup>. Alerta consciente de quem traz no corpo e no espírito as marcas de uma decadência moral que não foi capaz de impedir a guerra nem a morte de milhões de inocentes. Moral fundada na totalidade do Ser, moral que impede a existência do diferente, e nem poderia permitir, uma vez que tudo é igual e se funda numa unidade. Ora, como já foi mostrado, esse fundamento reduz o Outro ao Mesmo, e a prova disso é a guerra. E é justamente usando-a como exemplo, que Levinas demonstra toda fúria de uma moral fundada no Ser, e todo o perigo de tudo a ele se reduzir. Para ele “a face do ser que se mostra na guerra fixa-se no conceito de totalidade que domina a filosofia ocidental”<sup>6</sup>. A totalidade que funda o pensamento do Mesmo também funda a guerra. Ou seja, ela é a própria manifestação da Totalidade, pois nada lhe fica exterior, ela aniquila tudo que está fora e coloca todos na mesma situação, o medo é igual para

---

<sup>3</sup> Id. Ib.

<sup>4</sup> TI. 31

<sup>5</sup> TI. 09

<sup>6</sup> TI. 10

todos e todos querem uma mesma coisa: a vitória, que significa a dominação do Outro, pois nada lhe “[...] é exterior. A guerra não manifesta a exterioridade e o outro como outro; destrói a identidade do Mesmo”<sup>7</sup>.

Como a ontologia elegeu o Ser como discurso, ela acabou por fechar a possibilidade da relação com o que é exterior ao Ser. E a própria liberdade, considerada por muitos como característica fundamental do humano, é apenas exercício do Ser, visto que em última instância a razão é a manifestação de uma liberdade que neutraliza e engloba o outro reduzindo-o ao Mesmo. A razão no fim é conhecimento somente de si mesma<sup>8</sup>. Estamos diante de uma dificuldade: a liberdade não deverá levar a razão a conhecer além de si mesma? Não deverá ela fazer com que a razão conheça o Outro em toda sua alteridade e deixe-o exterior, uma vez que ela é soberana? O problema é que a liberdade permitida pela ontologia é aquela em que o objeto conhecido tem sua exterioridade englobada pelo sujeito que conhece. Levinas apresenta o problema da liberdade e da teoria do conhecimento interligados, como ele mesmo afirma “o processo do conhecimento confunde-se neste estágio com a liberdade do ser cognoscente, nada encontrando que, em relação a ele, possa limitá-lo”<sup>9</sup>. O próprio ato de conhecer pensado a partir da ontologia nada mais é que um instrumento condutor do Outro ao Mesmo. Nada pode limitar a razão, ela é soberana e nesse sentido “conhecer equivale a captar o ser a partir do nada ou reduzi-lo a nada, arrebatar-lhe a sua alteridade”<sup>10</sup>.

Pode-se perceber que o legado da filosofia ocidental, enquanto ontologia é sempre um caminhar para dentro de si, para o Uno. A filosofia partindo desse prisma é egoísta, como exemplo, vimos a lição socrática; um apontar para o centro. O diálogo é reduzido a monólogo e os conceitos são dogmáticos. O Outro é pelo livre exercício do Ser identificado no Mesmo: a liberdade dá autonomia à razão para reduzir tudo à sua soberania tirânica. A essa filosofia do Mesmo, Levinas opõe a crítica, pois ela “[...] não reduz o Outro ao Mesmo como a ontologia, mas põe em questão o exercício do Mesmo. Um pôr em questão do Mesmo – que não pode fazer-se na espontaneidade egoísta do Mesmo – é algo que

---

<sup>7</sup> Id. Ib

<sup>8</sup> TI. 31

<sup>9</sup> TI. 30

<sup>10</sup> TI. 31

se faz pelo Outro”<sup>11</sup>. Essa oposição à ontologia põe em questão o próprio ato do livre agir da razão e o com isso o legado da tradição filosófica ocidental. Levinas no diálogo crítico com essa tradição propõe uma inversão de origem do sentido, não é na ontologia que está o sentido primeiro, mas na Ética, logo, a filosofia primeira para ele é a Ética. Ora, essa inversão pode ser apontada como sendo construída a partir do diálogo crítico com o método fenomenológico de Edmund Husserl (1859-1938) e a analítica existencial de Martin Heidegger (1889-1976). Esses dois filósofos foram fundamentais para o pensamento de Levinas: com ambos ele aprendeu e de ambos se distanciou.

### **Husserl e Heidegger: apropriação e ruptura**

Levinas ao se apropriar do método fenomenológico parece ter descoberto que o projeto husserliano também estava no centro do pensamento totalizador nascido na Grécia Antiga. Percebe que mesmo Husserl trazendo à contemporaneidade a atividade da consciência, reduz tudo a ela, e ainda está na lógica do Ser, uma vez que a internacionalidade aniquila o objeto de conhecimento, e isto reflete na relação com o Outro, pois o pensamento que pensa já em si mesmo é dotado de sentido, fazendo da relação com o Outro um comércio de intenções, já que *a atividade original do sujeito é uma intencionalidade*<sup>12</sup>. Essa crítica também é reforçada porque Husserl em seu método transcendental oculta o sentido último do humano. Isso porque a “[...] mediação fenomenológica serve-se de uma outra via em que o ‘imperialismo ontológico’ é ainda mais visível. É o ser do ente que é o *médium* da verdade, a qual concerne ao ente e supõe a abertura prévia do ser.”<sup>13</sup> A fenomenologia é um modo de filosofar, não se apresenta apenas como simples método, existe por trás dela uma intenção que continua o projeto totalizador da Grécia antiga. Levinas sabe que Husserl muito contribui para a filosofia com seu método e suas investigações, mas sabe que a partir dele também é impossível pensar a alteridade do *absolutamente outro*, pois ele ainda se encontra preso à ontologia, uma vez que a identificação da multiplicidade é uma das características marcantes da redução do Outro ao Mesmo<sup>14</sup>. Percebe-se que o projeto husserliano

---

<sup>11</sup> TI. 30

<sup>12</sup> LEVINAS, E. **Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger**. Trad.: Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. (p. 62). Doravante DEHH.

<sup>13</sup> TI. 32

<sup>14</sup> O processo de identificação que Levinas está falando concerne a um problema mesmo do pensamento “[...] o sentido é caracterizado pelo fenômeno de identificação, processo em que o objeto se constitui. A identificação de uma unidade através da multiplicidade representa o

está ligado àquele projeto pretendido pela filosofia ocidental, mas não podemos negar a importância do seu pensamento para o Ocidente, como por exemplo, a sua “redução fenomenológica”, que busca *na vida concreta o lugar do se*.<sup>15</sup>

Mesmo tendo aprendido muito e se interessado pela filosofia de Husserl, Levinas verdadeiramente se dedicará ao diálogo com outro pensador alemão, Heidegger. Esse filósofo marcará profundamente seu pensamento, principalmente pelo fato dele ter tentado resolver o problema da ontologia clássica, mas ainda deixa o Ser na solidão. É necessário salientar que uma obra é especial nesse diálogo: *Ser e Tempo*. Obra que Levinas chamará à luz da “crítica” para daí pensar uma outra forma de abordar o Ser, melhor, de salvá-lo de sua solidão.

Levinas investiga a relação do pensamento de Heidegger, e de outros pensadores contemporâneos, com a tradição ocidental grega, vista como berço da filosofia ocidental. Ele aponta que não é diferente o projeto filosófico de Heidegger da tradição ontológica, como ele mesmo assera: “o seu esforço é diametralmente oposto ao da filosofia dialética que, longe de procurar o fundamento ontológico do conhecimento, se preocupa com os fundamentos lógicos do ser”.<sup>16</sup> A crítica a Heidegger vem principalmente por sua tese em *Ser e Tempo*, onde segundo Levinas, Heidegger assegura que: “[...] o ser é inseparável da compreensão do ser (que se desenrola como tempo), o ser é já apelo à subjetividade.”<sup>17</sup> Levinas não aceita esse postulado, pois isso inviabiliza a possibilidade de uma relação ética com o Outro em sua alteridade radical. Heidegger elabora todo um pensamento sobre o Ser e em última instância funda uma outra ontologia, a ontologia fundamental, continuando assim o império do Ser, cuja fórmula é a prioridade da compreensão do *ser do*

---

êxito fundamental de todo o pensamento. Pensar é, para Husserl, identificar. E veremos em seguida porque é que ‘identificar’ e ter um ‘sentido’ acabam por ser a mesma coisa. A intencionalidade da consciência é o facto de, através da multiplicidade da vida espiritual, se encontrar uma identidade ideal de que essa multiplicidade mais não faz do que efectuar a síntese.” (DEHH. 30).

<sup>15</sup> Uma das características centrais da redução fenomenológica de Husserl é que ela “[...] caracteriza-se por estabelecer, a partir da fenomenologia, que uma ontologia que pretenda dar conta dos modos de existência do ser em suas diferentes regiões não pode ser puramente vazia e formal. Deverá dar conta também do humanamente vivido como condição de possibilidade da existência, da consciência, da redução, etc. esta foi originalmente a intenção de Husserl: buscar na vida concreta o lugar do ser [...] (COSTA, 2000, p. 66).

<sup>16</sup> DEHH. 72

<sup>17</sup> TI. 32

ente. Ele afirma que “à venerável tradição que Heidegger continua não se pode opor preferências pessoais. À tese fundamental, segundo a qual toda relação num ente particular supõe intimidade ou esquecimento do ser, não se pode *preferir* uma relação com o ente como condição da ontologia [...]”.<sup>18</sup>

Certo que o projeto heideggeriano não contempla o projeto de uma ética em que Outro seja visto em sua alteridade radical, Levinas chega mesmo a louvar as críticas de Heidegger à tradição, mas não pode conceber um pensamento em que a liberdade seja anterior à Ética. Isso porque ela nesse sentido é um caminhar para o centro, para a Totalidade. Para a redução do Outro ao Mesmo, para uma pseudo-moral.<sup>19</sup> Vê-se que mais uma vez aparece o problema da liberdade com o saber, isso porque ambos os termos estão ainda pensados no centro da ontologia. Pois a liberdade em Heidegger se apresenta subordinada ao Ser, não é o *Dasein* que é o portador da liberdade, mas antes é esta última que o determina. A busca de Heidegger através de seu interesse pelos entes é orientada pela pergunta sobre o sentido do ser, ou seja, a busca está ainda no plano da pergunta ontológica. Levinas percebeu que a ontologia heideggeriana não é apenas elucubrações de um pensamento vazio, ou simples abstração, antes ela traz a marca de uma busca concreta da existência do *Dasein*. Esta busca será o centro de suas investigações, e aqui lembramos que Levinas dialoga como *Ser e Tempo*. A crítica levinasiana aparece principalmente pelo fato de o *Dasein* interessar a Heidegger somente como acesso ao ser. A crítica se aprofunda quando Levinas faz lembrar a relação entre essência e existência feita por Heidegger.<sup>20</sup>

Partindo deste princípio, entende-se porque Levinas critica a obra

---

<sup>18</sup> LEVINAS, E. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Trad.: Pergentino S. Pivatto (coord). Petrópolis: Vozes, 2005. (p. 26). Doravante EN.

<sup>19</sup> “se a liberdade denota a maneira de permanecer o Mesmo no seio do Outro, o saber (em que o ente, por intermédio do ser impessoal, se dá) contém o sentido último da liberdade. Ela opor-se-ia à justiça que comporta obrigações em relação a um ente que se recusa dar-se, em relação a Outrem que, neste sentido, seria ente por excelência. A ontologia heideggeriana, ao subordinar à relação com o ser toda a relação com o ente, afirma o primado da liberdade em relação à ética”. (TI. 32-33).

<sup>20</sup> “[...] mas inversamente, poder-se-ia dizer que a confusão da essência e da existência significa que na existência do homem está incluída a sua essência, que todas as determinações essenciais do homem não passam dos seus modos de existir. Mas uma tal relação entre a essência e a existência só é possível à custa de um novo tipo de ser que caracteriza a acção do homem. Heidegger reserva para este tipo de ser a palavra *existência*. [...] e é porque a essência do homem consiste na existência que Heidegger designa o homem pelo termo *Dasein* (ser deste mundo)”. (DEH. 75-76).

de Heidegger, pois este como já apontado defende que o *Dasein* é a própria possibilidade do acesso ao Ser. Posto que a existência do homem está definida pela compreensão do Ser, e esta compreensão antes que se possa imaginá-la, é contrária ao próprio pensamento.<sup>21</sup>

Tanto Heidegger como Husserl muito contribuíram para o desenvolvimento do pensamento de Levinas, mas o projeto filosófico deste último, não permite continuar o pensamento que totaliza tudo no Ser. É preciso impedir que a *filosofia do poder* continue seu império. Ou seja, antes de apontar para qualquer filósofo, seja antigo seja contemporâneo, Levinas está a criticar a ontologia como filosofia primeira. Visto que, como apresentada desde o início, ela não permite uma relação ética onde o Outro seja *absolutamente Outro*, ou melhor, ela é um conduzir o Outro para o centro, para o Mesmo, para o Uno. Este artigo tem como principal objetivo apresentar a crítica levinasiana à ontologia como filosofia primeira, projeto que mesmo tendo sido criticado por Heidegger, não conseguiu ser superado. A ontologia ainda é o discurso do Ser.<sup>22</sup>

### **Ética como filosofia primeira: o fruto da crítica**

A essa injustiça, esse discurso egoísta promovido pela filosofia ocidental, Levinas oporá a Ética como filosofia primeira, e a partir dela podemos pensar uma outra maneira de relação para as subjetividades. Mas, salienta-se que todas as críticas de Levinas não são no sentido de negação absoluta da tradição, tampouco ele pretende fundar um sistema filosófico; isso seria dogmatismo, e, a todo dogmatismo ele opõe a crítica.

---

<sup>21</sup> “[...] porque a compreensão do ser que se efetua no *Dasein* não tem a estrutura de um pensamento teórico. Não que o pensamento não consiga fazer face à tarefa e que deixe de a completar por essa vida patética, emocional e angustiada que tantos autores denominam existência (...) Se o pensamento não atinge a inteligência do ser é porque tende para um objecto, conduz a uma *qualquer coisa*, a um ente; ao passo que a compreensão do ser deveria manter uma relação com o *ser* do ente de que apenas poderíamos dizer, por seu turno, que é e que, neste caso, é *nada*. Existência oposta a pensamento – significa precisamente essa compreensão do ser do ente. No entanto, na medida em que pensar um ente pressupõe a inteligência do ser do ente, qualquer pensamento pressupõe existência [...]” (DEHH. 117).

<sup>22</sup> “Filosofia do poder, a ontologia, como filosofia primeira que não põe em questão o Mesmo, é uma filosofia da injustiça. A ontologia heideggeriana que subordina a relação com o ser em geral – ainda que se oponha à paixão técnica, saída do esquecimento do ser escondido pelo ente-mantém-se na obediência do anônimo e leva fatalmente a um outro poder, à dominação imperialista, à tirania que não é a extensão pura e simples da técnica a homens reificados. Ela remonta a ‘estados de alma’ pagãos, ao enraizamento no solo, à adoração que homens escravizados podem votar aos seus senhores. O *ser* antes do *ente*, a ontologia antes da metafísica – é a liberdade (mesmo que fosse a da teoria) antes da justiça. É um movimento dentro do Mesmo antes da obrigação em relação ao Outro” (TI. 34).



Podemos, em suas próprias palavras, apontar que seu “[...] esforço consiste concretamente em manter, na comunidade anônima, a sociedade de Eu com Outrem – linguagem e bondade [...]”.<sup>23</sup> Ele propõe uma outra maneira do ente se relacionar com o Ser, propõe uma saída para a solidão do Ser, pretende a metafísica antes da ontologia, quer que o transcendente realmente transcenda e não seja apenas um ensimesmar-se numa eterna solidão. Se o problema é a justiça, uma relação onde o Outro seja concebido a partir de sua alteridade radical, é preciso pensar antes a abertura para o surgimento dessa outra relação, posto que não se pode mais recorrer com segurança às velhas raízes da tradição filosófica ocidental.

A ontologia como *inteligência dos seres* não possibilita a relação ética onde o Outro seja contemplado em sua alteridade radical. Um dos pensadores mais visitados por Levinas para discutir tal problemática foi Heidegger. Este funda uma filosofia do ser como posse, e seu caráter anônimo também pode ser confirmado pela relação com o mundo. Levinas sabe da importância desse filósofo para a contemporaneidade, contudo, não deixa de observar que seu pensamento, que vem primeiro como denúncia, transforma-se em apropriação do Outro. Ou seja, pelo existir com as coisas cultivando e edificando a terra, pela posse, ele acaba por ainda participar do projeto ontológico que reduz o Outro ao Mesmo.<sup>24</sup>

Levinas se refere ao caráter anônimo da ontologia que Heidegger acabou por transformar em *ontologia da natureza*. Esta é a mãe generosa e sem feição de todos os seres particulares. Como pensar uma outra maneira de se relacionar com o Ser, se na maioria das vezes a filosofia foi uma ontologia? Essa pergunta ajuda a introduzirmos o pensamento levinasiano sobre uma outra abordagem do Ser: ele opõe à ontologia ocidental a metafísica. Isto é, relação com a transcendência. Isso significa que para ele a ontologia não é a filosofia primeira, pois esta reduz a alteridade ao Mesmo: em outras palavras a metafísica precede a ontologia, e é ela a filosofia primeira. Como podemos perceber, o que Levinas está pensando é uma outra forma de relação intersubjetiva, e

---

<sup>23</sup> Id. Ib.

<sup>24</sup> “[...] Heidegger, como toda a história ocidental, concebe a relação com outrem como cumprindo-se no destino dos povos sedentários, possuidores e edificadores da terra. A posse é a forma por excelência sob a qual o Outro se torna o Mesmo, tornando-se meu. Ao denunciar a soberania dos poderes técnicos do homem, Heidegger exalta os poderes pré-técnicos da posse. É verdade que suas análises não partem da coisa-objecto, mas trazem a marca das grandes paisagens a que as coisas se referem.” (TI. 33)

mais precisamente, uma relação em que a compreensão do ser não domine a relação, ou seja, aqui se configura a radical crítica de Levinas a Heidegger, e conseqüentemente à tradição que elegeu o Ser como discurso.<sup>25</sup>

A partir da Metafísica como filosofia primeira, podemos pensar *uma outra relação* com o Ser, relação mais original, e que permita a separação radical dos termos desta mesma relação. Levinas em face à tradição e à realidade da guerra que transforma a moral em um brinquedo insignificante, pensa um “outro homem”, mas este é inviabilizado pelo projeto da ontologia como foi apresentado, assim ele “[...] elabora lenta e progressivamente um pensamento original e fecundo em diálogo com alguns representantes da tradição filosófica ocidental, no qual propõe um ‘humanismo de outro homem’ aberto ao infinito e responsável pelo outro [...]”.<sup>26</sup> Esse projeto não é possível se desenvolvido aqui, mas acreditamos lançar os primeiros passos para sua concretização. No momento nosso intuito foi apenas de aproximar o leitor de alguns problemas fundamentais de Levinas no diálogo com a tradição e mais especificamente em seu diálogo intenso com Heidegger, assim como apontar para sua tese principal: a filosofia primeira é a Ética.

### Referências bibliográficas

- COSTA, Márcio. **Lévinas – uma introdução**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DESCARTES, René. Meditações metafísicas. In: **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BONAMIGO, Gilmar Francisco. **Primeira aproximação à obra de Emmanuel Lévinas**. Síntese, v. 32, n. 102, p. 77-104, 2005.
- BRITO, J. H. Silveira de. **De Atenas a Jerusalém**: a subjetividade passiva em Lévinas. Lisboa. Universidade Católica Editora, 2002.
- COSTA, Márcio. **Lévinas – uma introdução**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DERRIDA, Jacques. Violence et métaphisique: essai sur la pensée d’Emmanuel Lévinas. In: DERRIDA, Jacques. **L’écriture et la différence**. Paris: Du Seuil, 1967.
- DESCARTES, René. Meditações metafísicas. In: **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

---

<sup>25</sup> [...] é porque a compreensão do ser em geral não pode *dominar* a relação com Outrem. Esta comanda aquela. Não posso subtrair-me à sociedade com Outrem, mesmo quando considero o ser do ente que ele é. A compreensão do ser exprime-se já no ente que ressurgue por detrás do tema em que ele se oferece. Este ‘este dizer a Outrem’ – esta relação com Outrem como interlocutor, esta relação com o *ente* – precede toda ontologia, é a relação última no ser. A ontologia supõe a metafísica. (TI. 34-35).

<sup>26</sup> PIVATTO, Pergentino, S. Ética da alteridade. In: OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. (Org.) **Correntes fundamentais da ética contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2000. (p. 79-80).

HEIDEGGER, Martin. **Carta Sobre o Humanismo**. São Paulo, Editora Moraes, 1983.

\_\_\_\_\_. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. V. I. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. V. II. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HUSSERL, Edmund. **Investigações lógicas**: Sexta investigação. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).

\_\_\_\_\_. *Méditations cartésiennes et les conférences de Paris*. Paris: PUF, 1991.

LESCOURRET, M. A. **Emmanuel Levinas**. Paris: Flammarion, 1994.

LEVINAS, E. **Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger**. Trad.: Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

\_\_\_\_\_. **Totalidade e infinito**: ensaio sobre a exterioridade. Trad.: José P. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.

\_\_\_\_\_. **Humanismo do outro homem**. Trad.: Pergentino S. Pivatto (coord.). Petrópolis: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Trad.: Pergentino S. Pivatto (coord.). Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **De Deus que vem à idéia**. Trad.: Pergentino S. Pivatto (coord.). Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Difficile liberté**. Essai sur le judaïsme (1963). Paris: Albin Michel. 3ª ed. Revue et corrigée. Le livre de Poche, 1984.

MORO, Ulpiano Vázquez. **El discurso sobre Dios**: en la obra de E. Levinas. Madrid: UPCM, 1982.

NUNES, E. P. L. **O Outro e o Rosto**: problemas da Alteridade em Emmanuel Lévinas. Braga: Faculdade de Filosofia da Universidade Católica, 1993.

PRÉ-SOCRÁTICOS. **Vida e Obra**. São Paulo, Abril Cultural, 2000.

PELLIZZOLI, M. L. **Levinas**. A reconstrução da subjetividade. Porto Alegre: DIPUCRS, 2002.

PIVATTO, Pergentino, S. Ética da alteridade. In: OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. (Org.) **Correntes fundamentais da ética contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SUSIN, L. C. **O Homem messiânico**: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: EST, 1984.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Escritos de filosofia IV**: introdução à Ética filosófica 1. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.

*\*Ubiratane de Moraes Rodrigues*

Mestrando do Curso de Mestrado Acadêmico em Filosofia da  
Universidade Estadual do Ceará. E-mail: ubiratanerodrigues@gmail.com